

## OS CURRÍCULOS PRATICANTES DOS(AS) CATADORES(AS) DE MANGABA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM SERGIPE

RICARDO TELES DÓREA<sup>1</sup>; MÁRCIA ALVES DA SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– ricardotelespedagogia@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas– profa.marciaalves@gmail.com

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte do projeto de tese no doutorado em educação, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS. A pesquisa será desenvolvida no estado de Sergipe com a população dos(das) Catadores(as) de Mangaba. Eles formam um grupo tradicional de áreas de restinga, que tem como meio de subsistência e de reprodução cultural os extrativismos da mangaba, de recursos de restinga e de manguezais. A maioria dessas pessoas é descendente de quilombolas, caiçaras e sitiantes, que sobrevivem da coleta da mangaba em áreas comuns e ou familiares.

No entanto, essas comunidades estão ameaçadas por impactos causados pelo cultivo da cana-de-açúcar, milho, eucalipto, carcinicultura e especulações imobiliárias. Esse retrato foi mapeado por estudos realizados e publicados pela EMBRAPA, em 2007.

Em 2010, as Catadoras de Mangaba são reconhecidas como comunidade tradicional investida de direitos que devem lhes ser garantidos, conforme prevê a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais e a Convenção N° 169 da Organização Internacional do Trabalho. Já antes, em 2007, é consolidada a fundação do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM): elementos legais e fundamentais para aprofundarmos nossas análises e contribuir com nossa questão de pesquisa.

A pedagogia tradicional nas escolas rurais tem comumente desconsiderado e não reconhecido as realidades das comunidades locais e seus *currículos práticos* comunitários. Essa inadequada situação só será rompida quando as experiências de *currículos práticos* forem reconhecidas.

De modo que tais elementos, norteados pelo princípio do *currículo prático* em diálogo com as redes de conhecimentos, necessitam de uma interpretação para a necessária compreensão da complexidade das relações, dos conflitos e dos diálogos como elementos fundamentais de análise sobre o campo de estudo. Essa teia impulsiona a necessidade de se comprometer com perspectivas de análises pautada em uma razão ampliada, em que se implica diversas subjetividades no anseio de se conhecer a si mesma e ao mundo por meio de uma visão emancipatória que, de acordo com Boaventura Santos (2001, pág. 345), “*tem de ser capaz de conceber e desejar alternativas sociais na transformação das relações de poder em relações de autoridade partilhada e na transformação de ordens jurídicas despóticas em ordens jurídicas democráticas*”.

É nesse diálogo que buscamos pesquisar no doutorado os “cotidianos aprendentes” dos (as) Catadores (as) de Mangaba na Educação do Campo desenvolvida em suas comunidades. Assim, essa proposta de pesquisa dialoga com a perspectiva teórica da professora Nilda Alves, quando afirmou que:

É preciso, pois, que incorporemos a ideia que ao dizer uma história, somos narradores praticantes traçando/trançando as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até nós, neles inserindo, sempre, o fio de nosso modo próprio de contar. Exercemos, assim, a arte de contar histórias, tão importante para quem vive o cotidiano do aprender/ensinar. Buscamos acrescentar ao grande prazer de contar histórias, o também prazeroso ato de pertinência do que é científico. É possível? Bem, se outros e outras fizeram antes de nós e continuam fazendo, por que não? (ALVES, 2001, p. 35).

Neste diálogo, analisar os *currículospraticantes* desse povo tradicional também é construir e visibilizar, por meio da educação popular e dos movimentos sociais, suas lutas, podendo contribuir para processos educativos e um currículo que levem em conta seus cotidianos, suas vivências e territorialidades.

Assim, essa proposta de pesquisa tem como objetivo analisar os cotidianos aprendentes dos (as) Catadores (as) de Mangaba e seus *currículospraticantes* nos diferentes territórios de Sergipe e, de forma específica, refletir os *espaçostempos* dos fazeres curriculares da Educação do Campo entre os(as) Catadores (as) de Mangaba, identificar as tessituras culturais dos (as) Catadores (as) de Mangaba e investigar os *cotidianospraticantes/praticados* da Educação do Campo entre os (as) Catadores (as) de Mangaba em Sergipe.

Este estudo terá como base epistemológica/teórica a questão de gênero na perspectiva feminista, educação popular, trabalho e educação, dialética, etnográfica e a interseccionalidade.

## 2 METODOLOGIA

O processo metodológico da pesquisa em andamento deve seguir o caminho que possibilite compreender o cotidiano das práticas, nas diversidades dos sujeitos e nas especificidades dos currículos produzidos nos/do/com cotidianos (ALVES, 2003). É nessas experiências de entrelaços cotidianos que se forjam sujeitos e comunidades, em meio a educações, possibilitando circularidades identitárias. Neste sentido, compreendemos que “[...] a identidade nunca é a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade” (BHABHA, 2013, p. 94). Acerca dessa perspectiva, cabem ao diálogo as contribuições de HALL (2003), quando nos faz pensar a cultura e seus processos inventivos.

Nesse sentido, é nesse jogo de reelaboração cultural, de reafirmação de identidades e de reinterpretações culturais e simbólicas que a escola dos (as) Catadores (as) de Mangaba, enquanto lugar de fronteira, cria uma cultura escolar que lhe é própria e peculiar. Dessa forma, não temos escola no campo, mas escolas camponesas que constroem diferentes sujeitos sociais e práticas culturais.

A nossa proposta em construção está dentro do campo da pesquisa qualitativa, que trabalha com uma realidade não quantificável, mas com:

o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondam a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21).

A abordagem qualitativa exige, portanto, que o pesquisador explique sua visão de mundo e da realidade social em que este se encontra inserido. Não se pode ser neutro, nem tampouco condicionado pelos fenômenos apresentados. As ações serão desenvolvidas a partir de negociações e acordos com os sujeitos investigados em seu próprio campo de atuação. A visão que temos da sociedade orienta em grande medida a nossa análise e, conseqüentemente, nossa atuação sobre esta realidade. Assim, a pesquisa qualitativa é:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1986, p.14).

O caminho metodológico também seguirá: delimitação da área e dos sujeitos; população participante; estratégias de desenvolvimento da Pesquisa; estudo da documentação referente ao que já foi produzido sobre as Catadoras de Mangaba (projeto e relatório produzidos pela equipe da UFS, seminários formativos, artigos, publicações e estudos desenvolvidos pela Embrapa e grupos parceiros); entrevistas com mulheres e homens extrativistas da mangaba e participantes do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM) em Sergipe, seja na modalidade presencial, seja na modalidade eletrônica por meio de formulários e reuniões com sujeitos da pesquisa. Esses instrumentos serão definidos e utilizados de acordo com as circunstâncias da pandemia (COVID-19), durante o desenvolvimento do estudo e conforme orientações da orientadora.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa que está em desenvolvimento irá se nortear a partir da pesquisa de campo com inspirações etnográficas e participante nos/dos/com cotidianos dos (as) Catadores(as) de Mangaba de Sergipe. O trabalho também fará uso da análise documental, debruçando-se nas seguintes legislações: Legislação da Educação Escolar do Campo no Brasil, Referencial Curricular Nacional - RCN, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar do Campo na Educação Básica, dos Currículos das escolas camponesas, Projeto Político Pedagógico das escolas do campo, entrevistas, visitas de campo, relatórios, projeto do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM), entre outros.

A proposta será de adotarmos diários de campo e outros percursos e instrumentos que se façam necessários. Diante das mudanças de melhora no cenário pandêmico nacional, local e regional, as atividades acima foram repensadas e serão realizadas de forma presencial, com visitas em campo, entrevistas, outras formas coletas de dados e registros *in loco*.

A partir do desenvolvimento da pesquisa, das leituras e do curso das disciplinas, foi possível já delimitar o campo de pesquisa nas regiões das mulheres mangabeiras nos municípios do estado de Sergipe: Indiaroba, Barra dos Coqueiros, Estância e Japarutuba, tal delimitação foi definida tendo em vista serem os maiores centros de produção e comercialização dos seus produtos e onde ficam localizadas e organizadas suas associações. Este caminho é o que foi possível no aprofundamento da observação e coleta de dados para o projeto de tese.

## 4 CONCLUSÕES

Entendo que as lutas sociais e a educação popular não são elementos estáticos, fechados ou com fórmulas prontas e aplicáveis na solução dos problemas educacionais que persistem, mas, sim, possibilidades de ampliação do debate de construção e (re)construção de uma educação que surge a partir dos sujeitos envolvidos, sendo a pesquisa algo processual, de movimento, de cotidianos e (re)construção. De modo que tais elementos, norteados pelo princípio da Pedagogia Feminista, Movimento Camponesa/Extrativista e a Pedagogia Interseccional em diálogo com as redes de conhecimentos, necessitam de uma interpretação para a necessária compreensão da complexidade das relações, dos conflitos e dos diálogos como elementos fundamentais de análise sobre o campo de estudo. Essa teia impulsiona a necessidade de se comprometer com perspectivas de análises pautadas em uma razão ampliada, que implica a necessidade de diversas subjetividades no anseio de se conhecer a si mesma e ao mundo por meio de uma visão emancipatória, na busca de possibilitar alternativas sociais que possibilitem transformações nas relações de poder, nas relações jurídicas despóticas em relações jurídicas democráticas, se contrapondo a um Estado excludente dos saberes e fazeres dos povos tradicionais.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.W.B. **As reservas extrativistas e as populações tradicionais: entrevista do mês**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/entrevistas/almeida.htm>. Acesso em: 01 fev 2021.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

EMBRAPA, CNPq. **Relatório do I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe**. Aracaju, novembro, 2007.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 63, Coimbra, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

VIÑAO FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VIÑAO FRAGO, Antonio & ESCOLANO, Agustin. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: D&PA, 1998.